

CONTO

*Anáguas de Ofélia**Por Leticia Palmeira*

(19 de maio de 2020)

No trigésimo dia de quarentena, meu estoque de cigarros acabou. Foi o primeiro item de minha lista quando fui ao supermercado assim que decretaram isolamento. Foram quatro pacotes inteiros de alcatrão + nicotina + comida + produtos de higiene. Oito da manhã, cogitei serviços de entrega. Porém, desisti diante do fato de estarmos numa pandemia dos demônios que ataca as vias respiratórias e eu, fumante desgraçado, como poderia conviver comigo mesmo sabendo que estou me matando quando há milhares de pessoas lutando por suas vidas?

Impedido de visitar os mais velhos da família, alguns tios e tias que pouco faço questão de ver, fiquei sozinho na casa que pertenceu aos meus pais. Que Deus os tenha! Tento me contentar na casa de 10 cômodos, pouca mobília e nenhum animal de estimação. Eu lembro que gostava de animais. Na infância, eu gostava de muitas coisas.

Saio de casa e piso na rua pela primeira vez em muitos dias.

O sol arde no rosto. De camisa do avesso e jeans, vou cabisbaixo pensando nas notícias mais recentes. A contagem de mortos é obscena. A política é uma merda.

Bando de canalhas!

Preciso me conter. Além da solidão, começo a me sentir diferente. Irracional, talvez. Eu me alimento fora de hora, durmo no meio do dia, leio livros pela metade. Não tenho paciência para metade dos livros que abro.

Sem paciência.

Antes que eu atravessasse a rua, uma voz.

— Olá!

Fiquei estático ponderando se a voz era real ou eu estaria de fato enlouquecendo.

Ouçõ de novo o sussurro. Decido buscar a origem do som e encontro, por cima do muro, o par de olhos azuis. Eu não me aproximei. Apenas esperei o que viria daqueles olhos vivos.

— Não tem máscara?

O primeiro contato desde que me confinei em minha casa de 10 cômodos e algumas memórias. Um contato fora do usual, mas reconfortante. Pensei em me aproximar, mas a voz ordenou:

— Não se aproxime. Se não tem máscara, eu te dou uma.

Foi neste momento que a mente trouxe de volta a imagem. Era Ofélia, a vizinha solitária que meus primos e eu costumávamos irritar com nossas bolas de futebol arremessadas em seu jardim, com nossas festas nas madrugadas barulhentas regadas a maconha e vinho.

Todos se foram, mas Ofélia existe!

Embora a vizinha de olhos azuis nunca tivesse reclamado de nada, eu coloquei na cabeça que nós a incomodávamos naquele tempo. Ofélia nunca reclamou, nunca saía, nunca fazia ruídos. A não ser o podar das plantas. Lembro que Ofélia podava plantas duas vezes por semana. Me ocorre lembrar que eu tinha o hábito de observar Ofélia quando menino.

A mulher era bonita e eu gostava de como se movia. Parecia uma dama antiga, bem diferente das meninas que mascavam chiclete. Os cabelos de Ofélia eram castanhos e seu corpo, um paraíso de curvas que acendiam meus hormônios juvenis.

Como pude esquecer?

Era dia de jogo do Brasil. Meus irmãos e primos combinaram de ver a partida em nossa casa. Tinha bebida, churrasco e violão. Até que o jogo começasse, eu não poderia ser visto saindo. Quando todos se distraíram com o primeiro gol, escapei. Ofélia me esperava no quintal de sua casa florida. Ofélia pendurava roupas no varal.

Nos aproximamos pela primeira vez desde o dia que comecei a observá-la. Ela devia ter uns 20 anos a mais. Eu desejava Ofélia e suas curvas serpentinas. Enquanto ela erguia os braços para repousar no varal o que acredito que fossem anáguas, eu a abracei. Forte e ternamente. Ofélia suspirou e cercou meu corpo com seus braços suaves.

Que mulher linda!

Meu amor!

Em poucos segundos, nossos corpos estavam sobre as anáguas caídas no gramado do quintal. Eu era um menino, mas não senti medo de seus olhos de mulher. Desde que passei a observar Ofélia, desde nossa primeira carta trocada sobre a murada dos fundos da casa, eu amei Ofélia.

Tantas cartas...

Como se esquece um amor assim?

Sobre as anáguas fizemos tudo. Eu dentro e fora de Ofélia por dias a fio. Eu amo você, ela dizia. Eu também amo você, Ofélia.

Foi um escândalo quando meus pais descobriram. E escândalo maior quando decidi que não iria com eles para Curitiba. Fiquei ao lado de Ofélia e vivi cada momento como se minha vida fosse uma descoberta de sentimento e virilidade. Ofélia e eu nos tornamos inseparáveis.

No entanto, brigamos certo dia e nunca mais voltamos a nos falar.

Tornei-me adulto, me casei e, 3 anos depois, me divorciei. Só Ofélia me fazia sentir feliz. E ao ouvir sua voz por cima do muro, e rever seus olhos azuis, a memória voltou ao lugar de onde jamais deveria ter partido.

— Não se aproxime!

Eu não obedeci a ordem de Ofélia. Não só me aproximei como, igual aos dias de minha adolescência, subi pelo muro e pulei bem à frente da mulher que me olhava com seus olhos cheios de lágrimas.

— Lembra de mim?

Com carinho, retirei a máscara que escondia a face de Ofélia. Suas rugas, seu riso, os vincos na pele.

— Como pude esquecê-la?

Não aconteceria de novo, prometi.

Abandonei minha casa de 10 cômodos para morar com Ofélia. Confinados e amorosos, cuidamos um do outro enquanto a peste devorava o resto do mundo.

Letícia Palmeira (PB/SP). Escritora. Graduada em Letras pela UFPB. Publicou contos e crônicas em *Artesã de Ilusórios* (EDUFPB, 2009), *Sinfônica Adulterada* (Multifoco, 2011) e *Diário Bordô e Outras Pequenas Vastidões* (Multifoco, 2013). Seu primeiro romance, *Sol e Névoa*, veio ao público em 2015. Em 2016 publicou *A Obscena Necessidade do Verbo*, sua primeira novela. No mesmo ano, organizou, ao lado da autora Lizziane Azevedo, a *Antologia de Contos Ventre Urbano* (Penalux, 2016).